

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO WHATSAPP: UM ESTUDO DE CASO

Demóstenes Dantas Vieira \*  
Luan Talles de Araújo Brito \*\*

**Resumo:** Este trabalho propõe uma análise do processo de variação linguística em um grupo de WhatsApp, composto por alunos do Curso Técnico Subsequente em Recursos Pesqueiros, oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN/*Campus* Macau. A pesquisa consiste em um estudo de caso cujo objetivo é verificar aspectos ligados ao processo de construção de uma variedade linguística denominada por alguns pesquisadores de internetês. Deste modo, propomos entender as normas de funcionamento do internetês e as séries de regularidades que o diferenciam da língua formal escrita, aproximando-o das normas de funcionamento da língua oral, num constante *continuum* entre escrita e oralidade.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. WhatsApp. Internetês. Regularidades.

### THE LINGUISTIC VARIATION IN WHATSAPP: A CASE STUDY

**Abstract:** This research proposes an analysis of the linguistic variation process in a WhatsApp group, composed of students from the Subsequent Technical Course in Fisheries Resources, offered at Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte - IFRN/*Campus* Macau. The research work consists of a case study whose objective is to verify aspects related to the process of building a linguistic variety called by some researchers about netspeak. In this way, we propose to understand the rules of operation of the netspeak and the series of regularities that differentiate it from the formal written language, bringing it closer to the rules of operation of the oral language, in a constant continuum between writing and orality.

**Keywords:** Linguistic variation. Whatsapp. Internetese. Regularities.

### Introdução

A Sociolinguística Variacionista é uma área da linguística relativamente nova. Sua origem remonta a meados da década de 1960 e é atribuída ao linguista americano William Labov. De modo geral, ele propõe a investigação sobre aspectos da variação e da mudança linguística até então negligenciados pelos estudiosos da linguagem, isso porque, do ponto de vista da linguística saussureana, privilegiou-se o estudo da *langue* (sistema linguístico), considerado por Saussure (2004) o aspecto coletivo da língua.

Por sua vez, a fala (*parole*) foi concebida por Saussure como aspecto individual, portanto, subjetivo e de difícil mensuração. Isso implica dizer que a vertente formal dos estudos da Linguística Moderna priorizou o estudo da estrutura da língua, das regras de seu funcionamento, em detrimento dos processos de variação e mudança verificados através da fala.

A chegada da Sociolinguística representa uma mudança paradigmática nos estudos da linguagem, tendo em vista que se passa a observar aspectos da língua em uso (nos diferentes contextos de comunicação) antes não explorados nos estudos linguísticos. Do ponto de vista epistemológico, o trabalho aqui desenvolvido está localizado no campo da Sociolinguística, pautando-se em estudos recentes acerca do internetês, variedade linguística utilizada no ambiente virtual.

Por conseguinte, este trabalho propõe uma reflexão sobre o processo de variação linguística no *WhatsApp*, um aplicativo criado para mensagens de texto instantâneas, chamadas de voz e de vídeo para *smartphones*. Desse modo, a análise aqui apresentada terá como foco textos verbais escritos produzidos em diálogos nesse aplicativo. Para tanto, analisamos as práticas de linguagem coletadas a partir da observação de um Grupo de *WhatsApp*: 1RP SUB 1N. O grupo era composto por alunos do 1º ano do Curso Técnico Subsequente em Recursos Pesqueiros, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *Campus Macau*.

Com relação à metodologia adotada, elencamos duas variáveis dependentes: 1. *Abreviação*; e 2. *Substituição do dígrafo ch por x*. Além disso, adotamos como variante independente o gênero (masculino e feminino) dos participantes da pesquisa.

À vista disso, destacamos que embora a Sociolinguística Variacionista tenha iniciado a partir dos estudos da fala, compreendida como língua em uso, entendemos o internetês como variedade linguística, principalmente porque encontra-se em um *continuum* entre oralidade e escrita. Nessa perspectiva, sua construção está diretamente ligada ao processo de variação, conforme Brito:

O Internetês constitui uma consequência do fenômeno da variação que é característico das línguas naturais e que assinala a riqueza do idioma de uma comunidade linguística. É um tipo de escrita condicionada pelo contexto comunicativo, o ciberespaço, e que apresenta uma lógica própria, um certo padrão relativamente estável, ainda que marcada pela espontaneidade em sua configuração gráfica. Mesmo desobedecendo as regras da gramática normativa, esse código internetizado apresenta eficiência comunicativa, uma vez que é adotado por um número significativo de internautas como meio de comunicação através do qual eles interagem com os seus interlocutores, entendo e fazendo-se entender. (BRITO, 2013, p. 72).

Vale salientar também que diversos estudos têm contribuído para o avanço na discussão acerca da relação entre variação linguística e escrita, principalmente, na psicolinguística e na neurolinguística, trazendo à tona a discussão sobre como a oralidade e as variedades linguísticas interferem diretamente no processo de aquisição da linguagem. Além disso, algumas pesquisas destacam diferenças no grau de formalidade e informalidade dentro da própria escrita, bem como um processo de variação entre a modalidade oral e a modalidade escrita da língua, o que é denominado de *variação diamésica* (ILARI; BASSO, 2009).

## 1 Apontamentos sobre a Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística, também chamada de Teoria da Variação e Mudança Linguística, apresenta como objeto de estudo a língua em uso, mais especificamente, a variação e a mudança. Nesse sentido, a língua é entendida diferentemente dos estruturalistas que a concebiam como sistema abstrato. Para a Sociolinguística, a língua é uma prática e, sendo assim, é dotada de uma heterogeneidade sistemática, que está ligada à identificação dos grupos sociais e comunidades de fala.

A língua (*langue*), segundo Saussure (2004), é um fenômeno social, já a fala (*parole*) seria individual. Para o teórico, a Linguística deveria deter-se no estudo da língua como um sistema abstrato, dentro de um recorte temporal, sem as interferências individuais da fala. Em oposição ao posicionamento saussuriano, Labov (2008) entende que a fala também é um fenômeno social, embora repleta de subjetividade. Para ele, a fala não é caótica, ela também possui regras de funcionamento. À vista disso, delinea-se o objeto de estudo da Sociolinguística, a saber, o uso da língua em comunidades de fala.

Vale salientar que a Sociolinguística Variacionista de Labov propõe o estudo da língua no contexto social da comunidade. Desse modo,

A Sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*). Quando Labov fala em heterogeneidade, refere-se à variação, mas está interessado na variação que pode ser sistematicamente explicada. (COAN; FREITAG, 2010, p. 173).

De acordo com Labov (2008), dois enunciados com o mesmo valor linguístico de verdade devem ser considerados como variantes de uma mesma variável. Desse modo, a compreensão do processo de variabilidade linguística requer que se tenha clareza quanto aos conceitos de *variável* e de *variante*. O primeiro diz respeito à parte mais abstrata do fenômeno, fazendo referência ao “lugar em que se localiza a variação” (COELHO *et al.*, 2015, p. 12).

Levando em conta o uso concorrente dos pronomes “nós” e “a gente”, a variável corresponde à *expressão pronominal da primeira pessoa do plural*. Já variante é cada uma das palavras supracitadas, uma vez que esse termo diz respeito à “forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico” (CEZARIO; VOTRE, 2013, p. 142). Em outras palavras, variante é a forma individual que disputa a representação da variável e que veicula o mesmo sentido que as suas concorrentes (TARALLO, 1985; BELINE, 2002; COELHO *et al.*, 2015).

Em seus primeiros trabalhos, Labov (2008) propõe a correlação de padrões linguísticos variáveis e os aspectos ligados à estrutura social em que os usuários estão inseridos. A partir da análise dos aspectos fonológicos, o autor observou que há uma correlação entre as variáveis em uso e a estratificação social dos falantes. Nesse sentido, “é impossível entender o desenvolvimento de variação e mudança linguísticas fora da vida social da comunidade, já que pressões sociais estão continuamente operando sobre a linguagem” (COAN; FREITAG, 2010, p. 176). Evidentemente, a Sociolinguística contribuiu para o estudo do funcionamento da língua e, para tanto, teve que expandir seu campo de atuação não se restringindo somente ao campo da fonologia, tendo em vista que o fenômeno da variação também ocorre nos outros níveis da língua, morfológico, sintático, discursivo.

## **2 Rupturas e regularidades linguísticas do internetês**

A revolução tecnológica promoveu dentre outras transformações, mudanças significativas no processo de comunicação e interação social, trazendo à baila a existência de inúmeras formas de uso da linguagem que se diferem do uso tradicional-normativo e de variedades linguísticas de comunidades tradicionais, outrora apenas territorializadas. Nesse contexto, surgem as comunidades virtuais,

grupos de *WhatsApp*, *chats*, plataformas virtuais de aprendizagem etc. As práticas de linguagem desenvolvidas no ambiente virtual, suscitam uma reflexão sobre a noção de “erro” linguístico já discutida pela Sociolinguística Variacionista e nos leva a perguntar sobre como tal linguagem se organiza do ponto de vista estrutural e cognitivo-funcional. Desse modo, questionamo-nos sobre as regras de funcionamento do internetês, suas rupturas e regularidades.

A princípio, vale salientar que o internetês contribui para a reflexão sobre a dicotomização entre oralidade e escrita, visão tradicional que concebe a oralidade e escrita como modalidades diferentes da língua, concepção herdada do estruturalismo saussuriano. De acordo com Koch (1997), essa dicotomização é bastante frágil, tendo em vista que essa diferenciação nem sempre pode ser verificada, sendo evidente a existência de “uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa” (KOCH, 1997, p. 68).

Pode-se dizer que esse modelo considera oralidade e escrita como modalidades estanques, como se a fala tivesse características sempre informais e a escrita fosse sempre formal. O que nos leva a pensar uma concepção de escrita e oralidade num contínuo. Conforme escreve Marcuschi (2003, p. 37), fala e escrita “se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”.

Vale ressaltar, que mesmo existindo esse *continuum*, existem características inerentes à comunicação face a face (KOCH, 1997). Entretanto, pode-se afirmar também que em situações de comunicação imediata, no caso face a face, ou mesmo em vídeo-chamadas do *WhatsApp*, *Skype* ou outras Redes Sociais *on-line* “ocorrem pressões de ordem pragmática que se sobrepõem, muitas vezes, às exigências da sintaxe. São elas que, em muitos casos, obrigam o locutor a sacrificar a sintaxe em prol das necessidades de comunicação” (KOCH; ELIAS, 2014, p. 17).

Tendo em vista as observações realizadas por Koch (1997), Xavier (2014), Koch e Elias (2014), podemos afirmar que, de forma geral, o internetês é constituído por dois princípios básicos: 1. Abreviação – associado à supressão dos signos gráfico-alfabéticos (incluindo, aqui, acentos e sinais gráficos); 2. Substituição – que se refere a troca de letras e acentos.

Entende-se que a *abreviação* se efetiva quando suprimimos determinadas letras e acentos na tentativa (embora inconsciente) de tornar o processo comunicativo mais rápido, tendo em vista a velocidade das relações no ambiente virtual. Isso pode ser observado em construções como “aki” e “mto”, abreviações das palavras “aqui” e “muito”.

Já o processo de *substituição* constitui-se de uma prática linguística que aproxima a grafia das palavras da fala, evidenciando a informalidade da comunicação estabelecida em práticas de linguagem instantâneas e informais do ambiente virtual, tais como *chats*, postagens e comentários de *Facebook*, mensagens do *WhatsApp*, *SMS* etc.

Conforme escreve Gonzalez (2007), a substituição é um dos recursos mais visíveis, sendo registradas de duas formas: a substituição de letras e a substituição de acentos gráficos por signos correspondentes a sons da oralidade. Nesse caso, é comum a substituição da letra “o” por “u”, como ocorre, por exemplo, em “issu” e “amu”, variantes das formas tradicionais “isso” e “amo”, respectivamente. Isso também se aplica ao uso do “x”, o qual substitui a dígrafo “ch”. A título de exemplo, as variantes do internetês “axo” e “bixo” correspondem às formas “acho” e “bicho”, da escrita padrão. Com relação aos acentos, vale destacar o exemplo de “nós” por “nois”; de não por “naum”. Embora tenha ocorrido o acréscimo de uma letra a mais, nesses dois casos, o que pode explicar isso é justamente o caráter de subversão que o internetês apresenta em relação à ortografia padrão.

Ainda sobre o funcionamento do internetês, vale ressaltar os aspectos suprasegmentais. Moura e Pereira (2011) escrevem que a entonação é obtida através de signos gráficos como o sinal de exclamação, de interrogação, de reticências, ou mesmo do uso de letras garrafais, com o qual se projeta certa ênfase sonora (o que na língua oral estaria associado ao ato de falar mais alto, com mais emoção, com mais ênfase, tal como gritar). Isso é evidente em enunciados como “... É HOJEEE .... só de pensar fico gelada ....” (MOURA; PEREIRA, 2011, p. 75).

Aproveitando o ensejo do exemplo dado por Moura e Pereira (2011), há um recurso bastante recorrente utilizado para exprimir emoção: o alongamento vocálico. Ele se refere à repetição de uma mesma vogal em uma mesma sílaba. Esse recurso imprime, mais uma vez, marcas de oralidade à escrita do internetês, conforme é evidenciado em enunciados como “Amoooooooooooo”, “Muuuuuuuuito”.

Nesse sentido, os alongamentos vocálicos possuem a função de “manifestar a emoção do sujeito, uma vez que não há som de voz para tal” (XAVIER, 2014, p. 170). Em vista disso, vale salientar (embora não seja o escopo deste trabalho) que os aspectos não verbais ou para-linguísticos também se materializam no internetês por meio dos *smileys*, *emoticons* e, mais recentemente, *emojis*. Esses recursos, por seu turno, apresentam as expressões faciais e os gestos dos interlocutores, podendo ser também representados por conjuntos de signos gráficos que unidos formam um todo significativo: “os parênteses, os dois pontos, o ponto e vírgula, os colchetes, o zero, os sinais de maior e menor etc.” podem formar caricaturas que exprimem alegria, tristeza, ansiedade, medo etc. (MOURA; PEREIRA, 2011, p. 76).

### 3 Análise dos dados

Os dados analisados foram coletados a partir das práticas de linguagem dos alunos do 1º ano do Curso Técnico Subsequente em Recursos Pesqueiros, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN/*Campus Macau*. Os dados do Quadro 01 e no Quadro 02 foram coletados através da observação do *Grupo de WhatsApp 1 RP SUB 1N*. O *corpus* foi construído a partir de um recorte temporal de 4 (quatro) meses de observação: maio, junho, julho e agosto de 2017. Para tanto, verificamos as regularidades das abreviações utilizadas pelos membros do grupo, o que nos levou a destacar os dados a seguir<sup>1</sup>:

Quadro 01: Abreviações

Formas linguísticas	Descrição linguística		Gênero		Total	Porcentagens	
	CA	SA	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
kd	X		25	19	44	56,81%	43,18
Cadê		X	0	01	01	0%	100%
vc	X		58	42	100	58%	42%
Você		X	0	02	02	0%	100%
vcs	X		55	93	148	37,16	62,83
Vocês		X	0	03	03	0%	100%
ksa	X		5	15	20	25%	75%
csa	X		0	03	03	0%	100%
Casa		X	1	02	03	33,33%	66,66%
bb	X		5	15	20	25%	75%
Bebê		X	0	0	0	0%	0%
Sla	X		10	15	25	40%	60%
Sala		X	1	03	04	25%	75%
tã	X		102	120	222	45,94%	54,05%
está		X	0	07	07	0%	100%
tô	X		138	149	285	48,42%	51,57%
estou		X	0	01	01	0%	100%
q	x		120	147	267	44,94%	55,05%
Que		x	12	17	29	41,37	58,62%

Fonte: Os autores (2020)

Os dados evidenciam as observações já realizadas por Koch (1997), Xavier (2014), Koch e Elias (2014), dentre outros autores, que, ao discorrerem sobre a linguagem da internet, identificam as abreviações como característica predominante, sendo a que está mais evidente e em maior proporção com relação à variação.

Dos dados apresentados, gostaríamos de destacar as variações da forma linguística *você/vocês (vc/vcs)* e *estou (tô)*. Nesse contexto, as formas linguísticas *vc* e *vcs* correspondem às abreviações de *você* e *vocês*; já variante *tô* corresponde à abreviação da forma verbal *estou*. Observamos que as variações de *você (você, vocês, vc, vcs)* foram utilizadas 253 vezes, das quais somente 12,65% (05 vezes) foram utilizadas na forma padrão, sem abreviações (*você* e *vocês*), conforme pode ser constatado no Quadro 01. Enquanto isso, as formas *vc* e *vcs* foram utilizadas 248 vezes, o que equivale a um percentual de 87,35% das formas em uso. Vale destacar que o uso das formas padrão (*você* e *vocês*), embora seja um percentual bem pequeno, foi realizado somente pelo gênero feminino. Essa preocupação formal feminina, ainda que em pequenos percentuais, pode ser observada em outras formas, como nas formas linguísticas *estou, está* e *cadê*, só identificadas nas práticas linguísticas de pessoas de gênero feminino.

Observamos ainda que a forma linguística *vc* foi utilizada 100 (cem) vezes, 58% foi utilizada pelo gênero masculino e 42% pelo gênero feminino (58 e 42 vezes, respectivamente). Com relação à variante *vcs*, identificamos que ela foi usada 148 vezes. Destas, 93 vezes (62,83%) pelo gênero feminino e 55 vezes (37,16%) pelo gênero masculino. Se levarmos em consideração as formas *vc* e *vcs* (singular e plural), temos uma incidência de 248 vezes, sendo utilizadas 113 vezes (45,56%) pelo gênero masculino e 135 vezes (54,43%) pelo gênero feminino.

Ainda com relação às abreviações, observamos que as variações da forma verbal *estou (tô e estou)* foram utilizadas 286 vezes, das quais apenas uma foi observado o uso de *estou*, o que equivale a 0,34%, enquanto a forma verbal *tô* foi utilizada 285 vezes (99,65%).

À vista disso, destacamos o uso constante e regular de abreviações, o que pode ser compreendido como uma característica bastante forte do internetês, neste caso, da linguagem usada no *WhatsApp*. Os especialistas apontam que isso se deve à velocidade das informações no ambiente virtual, sendo necessário abreviar formas



linguísticas tradicionais para atender à rapidez das conversas instantâneas, conforme escrevem Brito (2013), Koch (1997), Xavier (2014), Koch e Elias (2014).

Com relação ao *continuum* entre escrita e oralidade no ambiente virtual, optamos por analisar a substituição do dígrafo *ch* pelo *x*, aproximando a escrita do fonema, ou seja, da forma como o *ch* é oralizado. Sobre essa questão, coletamos os seguintes dados<sup>2</sup>:

Quadro 02: Substituição do dígrafo *ch* pela letra *x*

Formas linguísticas	Descrição linguística		Gênero		Total
	CS	SS	Masc.	Fem.	
bixa	X		05	02	07
bixo	X		01	02	03
xegar	X		01	0	01
chegar		X	0	01	01
xega	X		0	02	02
Xame	X		0	03	03
xuveiro	X		01	01	02
xarme	X		02	01	03
xuva	X		01	02	03
chuva		X	01	01	02
xocolate	X		0	02	02
axou	X		01	0	01
xamada	X		05	04	09
chamada		X	0	02	02
Xato	X		01	03	04
chato		X	0	01	01

Fonte: Os autores (2020)

Nas práticas comunicativas do recorte temporal analisado, a substituição do *ch* por *x* foi realizada 39 (trinta e nove) vezes, já o uso do *ch* foi realizado somente 06 (seis) vezes, o que equivale, respectivamente, a 86,66% e 13,33% das formas utilizadas. Os dados reforçam o que já foi discutido acerca do *continuum* entre oralidade e escrita, sendo evidente, neste caso, uma série de regularidades acerca da substituição do dígrafo *ch* pela letra *x*. Isso se deve ao fato de que na oralidade o dígrafo *ch* assume a pronúncia do fonema também representado pela letra *x*.

É importante destacar que a regularidade da referida substituição ocorreu tanto no início das palavras (*xarme*, *xuva*, *xocolate*), como no meio delas (*bixa*, *bixo*,

axou), mostrando que essa ruptura com relação à grafia padrão, no internetês, independe da posição silábica.

Com relação à variável de gênero, observou-se que há uma regularidade na substituição do *ch* por *x* tanto nas formas usadas pelo gênero masculino como pelo gênero feminino, utilizada 18 (dezoito) vezes pelos homens e 21 (vinte e uma) vezes pelas mulheres, o que corresponde a 40% e 46% das formas utilizadas, respectivamente.

Além disso, um dado deveras relevante diz respeito ao fato de mais uma vez ser perceptível uma certa preocupação formal em sujeitos do gênero feminino, que se reflete no maior monitoramento e emprego de formas conservadoras. Como se observa no Quadro 02, a maior frequência de uso de variantes padrão está associada ao gênero feminino. Isso se verifica no emprego das formas *chegar*, *chamada*, *chuva* e *chato*. A forma padrão foi utilizada somente 07 (sete) vezes, das quais 06 (seis) foram usadas pelo gênero feminino e apenas uma pelo gênero masculino.

### Considerações finais

Este trabalho propôs estudar o processo de variação linguística a partir de um grupo do *WhatsApp*. Para tanto, foram analisadas materialidades linguísticas produzidas por um grupo de alunos do Curso Técnico Subsequente em Recursos Pesqueiros, oferecido pelo IFRN/*Campus* Macau. Por sua vez, vale destacar que todos os alunos do curso possuíam Ensino Médio completo, tendo em vista a modalidade de ensino técnico subsequente destinado a alunos que já o concluíram.

Os resultados da pesquisa apontam para a *abreviação* como uma característica regular do internetês no *WhatsApp*. O percentual de uso de formas linguísticas tradicionais usadas pelos membros do grupo é bastante pequeno se comparado ao percentual de formas abreviadas, presentes em 99,65% de frequência nos termos utilizados.

Com relação ao *continuum* entre oralidade e escrita, constatamos que a substituição do *ch* pela letra *x* está presente em 86,66% das formas linguísticas utilizadas. Essa troca se deve à aproximação da escrita do internetês com a oralidade, aproximando a escrita da forma como se fala.

Com relação à variante de gênero, observou-se que o uso das formas normativas está mais presente nas práticas de linguagem de sujeitos do gênero feminino, o que nos remete à necessidade de aprofundamento dessa discussão. Com relação às *abreviações*, constatamos que o percentual de uso das variantes abreviadas é muito próximo entre homens e mulheres.

Diante disso, vale salientar a necessidade de aprofundamento desta pesquisa, tendo em vista múltiplas possibilidades de estudo do internetês nas diversas redes sociais, não somente no *WhatsApp*, através das quais pode-se pesquisar as regularidades dos alongamentos vocálicos, abreviações diversas não estudadas, multimodalidade, substituição de vogais e acentos etc.

## Notas

\* Demóstenes Dantas Vieira é Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE; Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Professor permanente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. E-mail: demostenes.vieira@ifrn.edu.br

\*\* Luan Talles de Araújo Brito é Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Professor permanente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. E-mail: luan.brito@ifrn.edu.br

<sup>1</sup> Na Tabela 01, os códigos CA e SA, da coluna Descrição linguística, significam “com abreviação” e “sem abreviação”, respectivamente.

<sup>2</sup> Na Tabela 02, os códigos CS e SS, da coluna Descrição linguística, significam “com substituição” e “sem substituição”, respectivamente.

## Referências

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121-140.

BRITO, Luan Talles de Araújo. **Internetês e produção textual**: uma análise das crenças de docentes de Língua Portuguesa. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Monografia). Universidade Estadual da Paraíba, 2013.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 141-156.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meslter Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Domínios de**

**linguagem**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

GONZALEZ, Zeli Miranda Gutierrez. **Linguística de Corpus na análise do internetês**. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), PUC-SP, São Paulo, 2007.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 180- 185.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. Fala e escrita. In: **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 13-30.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento. In: **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 15-43.

MOURA, Mirtes Zoé da Silva; PEREIRA, Ana Paula. M. S. A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais. In: COSTA, S. R.; FREITAS, M. T. de A. (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 65-83.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

XAVIER, Antonio Carlos. A (in)sustentável leveza do internetês. Como lidar com essa realidade virtual na escola? In: ELIAS, V. M. (org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 168-179.

Recebido em: setembro de 2019.

Aprovado em: março de 2020.